

Negócios
& FINANÇAS

A enxurrada de dólares

■ Crescimento de reservas cambiais em US\$ 20 bilhões já preocupa, porque força a emissão de títulos e eleva a dívida interna

CLAUDIA SAFATLE E
VERA BRANDIMARTE

BRASÍLIA — As reservas cambiais podem crescer US\$ 20 bilhões este ano, segundo previsão do Banco Central, e o governo já começa a se preocupar com o que fazer caso se confirme a enxurrada de recursos externos que ameaça inundar o país. As reservas, que já cresceram US\$ 10 bilhões em 96, engordariam com as privatizações e a facilidade de empresas privadas captarem recursos externos.

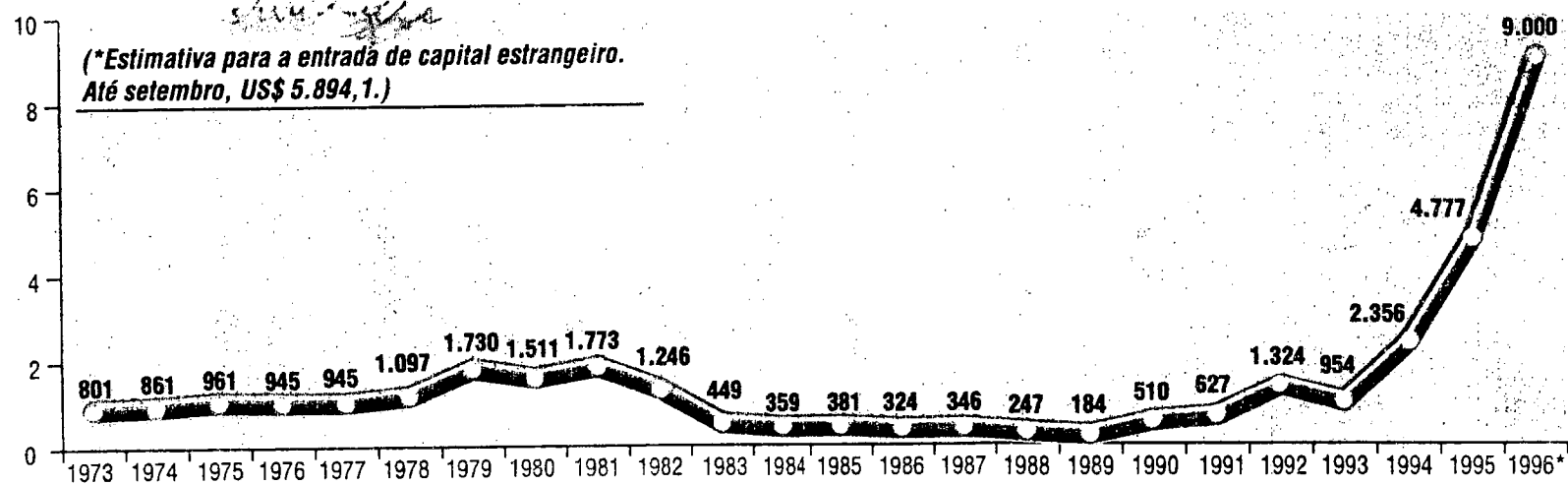
O aumento das reservas têm impacto nas contas internas: dólares convertidos em reais exigem que o governo emita títulos, inchando a dívida pública, para impedir aumento exagerado da oferta de dinheiro e crescimento indesejado da economia.

Os previsíveis problemas de 1997, como o aumento do déficit comercial e do pagamento de dívida externa, neste contexto, viram parte da solução para administração das reservas, avalia um diretor do Banco Central.

O déficit da balança comercial pode saltar de cerca de US\$ 5 bilhões em 1996 para US\$ 10 bilhões este ano, estimam técnicos do governo. Só o aumento previsto dos investimentos diretos no país seria suficiente para cobrir com folga essa diferença. No ano passado, os investimentos diretos chegaram a US\$ 9 bilhões e, na previsão do

Investimento direto no Brasil

(*Estimativa para a entrada de capital estrangeiro.
Até setembro, US\$ 5.894,1.)



Fonte: Banco Central

Banco Central, podem atingir US\$ 15 bilhões em 1997.

Longo prazo — O que preocupa a equipe econômica não é 1997, ainda que o desempenho da conta de comércio possa ser muito ruim, mas sim os próximos anos. É preciso construir, agora, a capacidade de pagamento das contas externas no futuro e, para isso, tornou-se imperiosa a necessidade de se criar um modelo capaz de impulsionar as exportações, que estão em queda há cinco meses consecutivos. O governo não quer perseguir superávit comercial, como no passado. Importações têm sido a mola pro-

pulsora de ganhos de produtividade na economia brasileira, que teriam chegado a quase 50% nos anos 90. Mas, se as exportações não reagirem, acabarão limitando a capacidade de importar.

Segundo um alto funcionário do Banco Central, o país poderá conviver por muitos anos com déficits na balança comercial. Desde que, é claro, eles não sejam explosivos. A tendência, diz ele, é que, passada essa fase de crescimento, as importações se acomodem, aumentando de acordo com a taxa de crescimento da economia. A questão é que não se sabe em que patamar elas se

estabilizarão e quando isso acontecerá. E, enquanto as importações crescem, tornando-se cada vez mais parte indispensável da nova estrutura de produção industrial, as exportações não reagem.

Descompasso — Para uma facção importante da área econômica do governo, não é surpresa que as importações brasileiras estejam cada vez mais substituindo a produção interna de máquinas e componentes. Isso significa incorporar novas tecnologias e melhorar o produto final para o consumidor, advoga uma qualificada fonte. Só que, para sustentar esse movimen-

to, é preciso, insistem os economistas do governo, que as exportações sigam a mesma trajetória. Isso não está acontecendo.

Por exemplo, de 1990 a 1995 o setor de eletro-eletrônico elevou suas importações de componentes de US\$ 700 milhões para US\$ 1,8 bilhão. Já as suas vendas externas passaram de US\$ 111 milhões para apenas US\$ 165 milhões nesse mesmo período. A constatação é que, abandonadas às forças de mercado, as exportações não vão reagir nunca. Não existe no país uma economia voltada para o mercado internacional, mas prevalece a tradição

de as empresas exportarem apenas o excedente. Se o mercado interno absorver toda a produção, não há excedentes e, portanto, as vendas desabam.

Ter o diagnóstico, porém, não muda muita coisa. Já se sabe que o governo terá que entrar pesado nessa área, induzindo as empresas a venderem seus bens e serviços para o exterior. O problema, agora, é um pouco mais complicado: como fazer isso se no próprio governo o tema comércio exterior é um samba do crioulo doido? São vários órgãos cuidando do mesmo assunto, cada um com uma cabeça em geral, voltada para o passado: são ágeis para criar barreiras às importações, mas sem estratégia para conquistar mercados para as exportações.

Instrumento — Como alternativa, o governo vem tentando usar uma das poucas estruturas que ainda dispõem de informações sobre o setor industrial brasileiro e capacidade para formulação de propostas de reestruturação para exportação: o BNDES. O banco pode não ser o instrumento perfeito para exercer essa tarefa, mas é nele que os Ministérios da Fazenda e do Planejamento jogam suas expectativas. Paralelamente, discute-se a criação do Ministério do Comércio Exterior. Uma idéia que poucos defendem.

Continua na página 2